

O Casal e o Dinheiro – Laurent Busset

Bom dia. Obrigado por me receberem hoje. Quando me pediram para vos falar do casal e do dinheiro, do papel e da importância deste no relacionamento do casal, disse para comigo: *Oh! Falar de quê? Como abordar este tema?*

Pois é um assunto tão vasto! Mas pronto, acalmei-me e hoje penso saber mais ou menos o que pretendo dizer-vos. Fá-lo-ei a título pessoal – tenho uma vida de casal e familiar semelhante à da maioria de entre vós e conheço esta tarefa infundável que é a de nos ajustarmos constantemente à nossa outra metade; fá-lo-ei como psicólogo – que reflectiu um pouco sobre o papel do dinheiro no equilíbrio de uma pessoa; e fá-lo-ei também como conselheiro conjugal – que assiste, há mais de 15 anos, casais cujo principal ponto de discórdia é o dinheiro.

Estruturei esta comunicação da seguinte forma: em primeiro lugar - o que representa o dinheiro ao nível pessoal; depois - o papel que ele pode ter na construção de uma relação de casal; entretanto, tentarei dar-vos alguns princípios úteis para evitar os conflitos gerados pelo dinheiro no seio do casal. Finalmente - debruçar-me-ei sobre a realidade dos jovens casais hoje em dia e sobre as dificuldades específicas com que se deparam na nossa sociedade.

O que representa o dinheiro para cada um de nós? Que relação temos com o dinheiro? É uma pergunta ao mesmo tempo universal (excepto, talvez, para algumas culturas tradicionais que funcionam com o sistema de trocas e não usam o dinheiro) e muito pessoal: depende do meu meio, da minha cultura, da minha história, da minha personalidade, da minha segurança (interior).

Pronunciei a palavra: segurança. Talvez tenha ouvido falar da pirâmide de Maslow? Maslow, é um psicólogo americano que classificou as necessidades do ser humano. Na base da sua pirâmide ele colocou as necessidades fisiológicas essenciais: comer, beber, dormir, estar protegido do frio e do calor; e logo a seguir ele pôs a segurança. E de facto, sem segurança, tanto material como afectiva, desaparecíamos. Para a criança, são os pais, ou outros encarregados, que representam, encarnam esta segurança. Se a criança tem esta certeza intrínseca de que os seus pais saberão responder às suas necessidades essenciais, então ela pode crescer, desenvolver-se normalmente. Se não, será bem mais difícil.

E mais tarde? Pois, muitas vezes transferimos para o dinheiro a nossa necessidade de segurança. Se tenho dinheiro, posso, então, obter o essencial de que preciso para viver, ou pelo menos, para sobreviver: a comida, o alojamento, as roupas. O seguro de saúde. A poupança reforma. O dinheiro protege-me da escassez, da precariedade, da dependência face aos outros.

O dinheiro é então **segurança**; mas se já tenho o suficiente, se tenho mais do que é necessário, então ele dá-me acesso à satisfação, não só das minhas necessidades, mas também dos meus desejos e das minhas vontades. Com dinheiro posso oferecer-me o que quero: objectos – divertimentos – mobilidade, viagens – o luxo, o supérfluo. Com dinheiro posso ter, posso fazer o que de outra forma me seria inacessível.

O dinheiro é, então, também **poder**: poder sobre mim próprio, sobre a minha vida, mas também poder sobre o outro – posso comprar o outro, comprar os seus serviços. Podendo ser assim um meio de pressionar outra pessoa: pagar-te-ei se aquilo que me forneces me satisfaz. Se não me deres o que espero de ti, não te darei o meu dinheiro.

O dinheiro pode dar-nos a ilusão de **autonomia**: se tenho dinheiro, não preciso mais dos outros: não peço – compro. Se não me deres – outra pessoa dará.

O que mais ainda? Para muitos, o dinheiro é sinónimo de **liberdade**. É o caso para muitos jovens: para eles, ter dinheiro, e sobretudo ganhar o seu próprio dinheiro, é deixar de ser dependentes dos seus pais. É não ter de depender da sua boa vontade, da sua aprovação – é poder enfim fazer o que eles querem, ir onde querem. E não é por acaso que o primeiro dinheiro ganho é investido num meio de deslocação – scooter, mota, carro! – ou em viagens: enfim, ser livre.

No nosso mundo dominado pelo dinheiro, este é um símbolo de **valor, de sucesso**: quanto mais caro for um objecto, mais valor tem. Quanto mais ganho, mais me valorizo. Pelo contrário, se estou desempregado, corro o risco de me sentir deprimido: porque já não ganho dinheiro, porque estou dependente dos outros, então tenho o sentimento de que já não valho grande coisa.

Uma actividade não remunerada é menosprezada: não é por acaso que os movimentos feministas reivindicaram a remuneração do trabalho doméstico - pois o que não é pago não é reconhecido; o que não traz dinheiro, não é um trabalho: esta ideia está ainda muito enraizada nas nossas mentalidades.

Para acabar este apanhado sobre os diferentes significados que pode ter o dinheiro ao nível pessoal – e estou longe de ter esgotado o assunto, mas penso, no entanto, ter dito o mais importante – queria voltar ao início e falar sobre a ligação entre o dinheiro e a segurança.

Penso que a nossa relação com o dinheiro pode indicar que tipo de relação temos com os outros e qual a nossa confiança na Vida.

Quanto ao tipo de relação que tenho com os outros, com os meus próximos: tenho confiança que basta neles? Cultivo relações suficientemente boas para que eu possa contar com eles? Ter o seu apoio em caso de necessidade?

Quanto à confiança na Vida: devo poupar para garantir que nunca venha a sentir a penúria? Ou devo acreditar que o pão nos é dado todos os dias, que o maná nos é oferecido sempre?

Qual é o valor mínimo de que necessita na sua conta bancária para sentir-se em segurança?

Um emigrante sul-americano em Genebra disse-me um dia: “ Nós (os emigrantes como ele), nunca temos dinheiro, mas guardamos sempre uma mala e dinheiro suficiente para poder comprar um bilhete de regresso”. Apenas o necessário para voltar a casa e estar com os seus.... Os pobres só sobrevivem porque sabem que podem contar uns com os outros.

Abordemos agora o casal. Como é que o dinheiro pode ser um problema? Como pode ser uma fonte de conflito?

Uma primeira possível causa de divergência entre eu e o(a) meu(minha) parceiro(a), é a ligação (muito) pessoal que tenho com o dinheiro e que depende muito da minha experiência familiar: na minha família, o dinheiro era abundante ou pelo contrário devíamos apertar o cinto? Os meus pais discutiam por causa do dinheiro? A minha mãe era submissa ao meu pai porque ele controlava o dinheiro? Ou era ela que geria os gastos? Cada um possui uma marca particular do seu passado que o vai levar a repetir a realidade que conheceu ou então a evitá-la: é certo que alguém que não teve acesso às coisas essenciais na sua infância devido a falta de dinheiro, tentará não viver novamente este tipo de situações; contrariamente, alguém que conheceu a fartura no seio familiar terá talvez, depois de casado, dificuldade em limitar certos gastos, em abster-se de certos prazeres, se as finanças domésticas não o permitirem. Tendo em conta que estes prazeres lhe aparecem como um dever, talvez até uma necessidade.

Será então necessário, no casal, ajustar estas diferenças inevitáveis. Mas queria rever com vocês o desenvolvimento “normal” de uma vida de casal – sabendo que não existe desenvolvimento “normal”! - do ponto de vista do dinheiro, desde o início do relacionamento até a altura em que a gestão do dinheiro já começa a ser um factor importante, e onde os perigos que podem ameaçar a relação aparecem. Mais uma vez, esta análise será feita baseada na minha prática enquanto conselheiro conjugal, o que vos dará um apanhado das dificuldades com as quais são confrontados os jovens casais actualmente – pelo menos na Suíça francófona.

No início, geralmente não há problemas. *“Quando se ama, não se contabiliza!”* Cada um investe o que tem para o casal, sem se questionar. Por vezes, cada um tem o seu trabalho e uma independência financeira, por vezes é um que trabalha e o outro não (ainda estuda, por exemplo) mas não é um problema! Porque recebo tanto de ti de outra forma. Não contabilizamos, mas por vezes as coisas alteram-se um pouco quando “juntamos os trapos”.

Nesta nova fase do viver juntos, muitos casais fazem questão de contribuir de forma equitativa para as despesas: assim, alguns colocam exactamente o mesmo valor numa conta bancária comum destinada às despesas domésticas, ou calculam a percentagem que cada um deve depositar tendo em conta o salário que recebe. O que revela um princípio de igualdade louvável, mas que depressa se torna insustentável quando o casal se transforma numa família – a chegada da criança provoca uma reestruturação da relação, e os parceiros enquanto casal estão mais dependentes (um do outro).

Aqui, tenho de introduzir uma noção importante, a do **equilíbrio das trocas**. É algo que, no meu trabalho com os casais, aparece como uma evidência: para eu me sentir bem numa relação a dois, tenho de ter o sentimento, muito intuitivo, de que há um equilíbrio entre o que dou ao outro e o que recebo dele. Existe uma paridade, existe uma justiça: senão arrisco-me a ter a sensação, bem menos agradável, que estou a ser levado, que estou a ser explorado – ou, pelo contrário, que estou a ser sustentado, que não mereço tudo o que recebo.

O que afirmo é também válido para as relações de amizade, pode constatá-lo pessoalmente: você pode dar muito a uma pessoa, mas se a dada altura não tem nenhum retorno dela, se não recebe nada em troca, então a relação vai quebrar, porque tem o sentimento que esta funciona num só sentido; ou então, já não é mais uma relação de amizade, mas sim uma relação de assistência, e aí, mais uma vez, se não obtiver o mínimo de reconhecimento, vai ser difícil.

O que dou, o que recebo numa relação de casal? Muitas coisas: coisas práticas, materiais, que podemos, eventualmente, calcular, medir: os serviços prestados, as tarefas concretizadas, o dinheiro conseguido, o tempo dedicado. Mas existe também a atenção dada, o apoio, a presença, o afecto, o amor – todas estas coisas não materiais e não mensuráveis mas que fazem parte da minha contabilidade interna e que contribuem para eu sentir que vivo uma relação a dois justa e equitativa.

Voltemos ao nosso jovem casal que é agora pai: para aqueles e aquelas que viveram isso, lembram-se da reviravolta que isso provocou na vossa vida naquela altura. Tiveram de assumir tantas coisas novas, ficaram muito mais dependentes do(a) vosso(a) parceiro(a): tiveram de se organizar; aprenderam a colaborar juntos; aprenderam a comunicar, a ouvir

o outro, a exprimir as vossas necessidades – a preparação para o casamento tenta alertar os casais para todas estas situações. Espero já terem aprendido a colocar os vossos interesses pessoais de lado em prol do bem comum; você cansou-se muito, mas só foi possível porque sentia solidariedade por parte do seu marido ou da sua esposa.

Então o que acontece com esta famosa paridade financeira? A maior parte do tempo, ela desaparece, pois acaba por ser impossível mantê-la dado que a senhora larga o seu trabalho para se ocupar da criança e renuncia, durante algum tempo, a uma actividade remunerada, ou então, recomeça a trabalhar mas só em *part-time*.

Nesta nova fase, cai a ilusão de uma paridade rigorosa quanto ao que cada um dá ao casal, e agora à família: há obrigatoriamente uma diversificação nos papéis – entre pai e mãe – há uma repartição das tarefas e das relações de cada um. É agora que o princípio, muito subjectivo, de equidade nas trocas revela a sua importância: eu dou - mais ou menos - tanto quanto o outro dá. O outro cansa-se tanto quanto eu! O outro dá tanta importância ao meu bem-estar quanto ao seu. E assim por diante.

Quando fui pai pela primeira vez, lembro-me de ter ciúmes da minha mulher que ficava em casa enquanto eu ia trabalhar. Tratar do filho todo o dia, parecia-me o melhor do mundo! E mesmo se esta distribuição dos papéis: eu ir trabalhar e ganhar para manter a casa, e a minha mulher ocupar-se do bebé, parecia evidente e pouco contestável, não podia deixar de pensar que a minha esposa tinha a melhor parte. Estava, até, com ciúmes do bebé...

Mas estes sentimentos mudaram quando a minha mulher se ausentou alguns dias e tive de tratar do nosso filho, e também das refeições e das limpezas: tomei consciência então, de que as tarefas executadas pela minha mulher não eram o Nirvana que eu tinha imaginado – mesmo, claro, tendo prazer em tomar conta do meu filho – mas exigia de mim esforços e sobretudo exigia uma concentração constante, o que não me deixava nenhum tempo para mim. Quando a minha esposa regressou e eu voltei ao trabalho, tive quase a impressão de ir de férias...

Mas nem todos os homens têm esta experiência, e muitos, acho eu, continuam a pensar que o “verdadeiro” trabalho, o trabalho a sério, é aquele que se faz lá fora e que é remunerado. Isso pode também acontecer no outro sentido! Vejo cada vez mais situações em que a senhora tem uma melhor situação profissional que o seu marido – que poderá estar desempregado ou sem trabalho – nesse caso é ela que vai sustentar a casa enquanto que o senhor faz de “Pai-Galinha”. E a senhora que volta a casa a dizer, ela, pelo menos, trabalha!

Nesses casos, existe um risco, direi mesmo uma “tentação”: que aquele que obtém o rendimento no casal use isto como uma forma de pressionar o outro, para lhe impor as suas escolhas e as suas decisões (por vezes claramente mas é frequente que o faça de forma subtil e dissimulada). Um exemplo desta pressão pode ser encontrado no momento de decidir sobre o uso do dinheiro, e no entanto este seria para os dois e para a família.

Não pensem que o tempo em que as nossas mães e avós se calavam e eram submissas porque estavam economicamente dependentes já vai longe!! Não é por acaso que muitas mulheres, hoje em dia, fazem questão de manter uma actividade remunerada – nunca se sabe. Existe uma memória colectiva...

Há outra coisa que muda aquando da passagem do casal à família: é que os rendimentos, normalmente, diminuem. Muitas vezes um dos dois deixa a profissão, ou reduz a carga horária, e as despesas aumentam consideravelmente: mais uma boca a alimentar, por vezes procura-se um apartamento maior, etc.

Vamos ter de viver com menos dinheiro. Como é que o casal vai negociar esta passagem? É um verdadeiro teste, pois vai pôr a prova a sua solidariedade e, o que chamo, a sua “comunidade de valores”.

A sua **solidariedade** em primeiro lugar: ter menos dinheiro significa que a quantia que eu guardava para mim, para as minhas necessidades e pequenos prazeres, deve diminuir, em prol do conjunto, em prol da nossa pequena comunidade familiar. Será que vou aceitar fazê-lo? Ou será que vou reivindicar os meus pequenos luxos pessoais, aquelas pequenas prendas que me oferecia a mim mesmo, como cigarros, livros e discos (apontei exemplos masculinos, mas as senhoras têm os seus equivalentes), saídas, viagens e lazeres (penso num casal em que o senhor descrevia as suas partidas de golfe como uma necessidade vital!). Será que vou dizer à minha parceira que estas são necessidades incontornáveis, mesmo se temos falta de dinheiro? Ou será que vou ser capaz de colocar o “Nós” como prioridade em relação ao “Eu”? Aí, falo em solidariedade no casal. Se esta mudança não é assumida nesse momento, uma mudança para que a prioridade seja claramente as necessidades da comunidade familiar, então o casal caminha para graves divergências. Pode parecer sem importância, mas no entanto vejo muitos homens que têm dificuldades em abdicar dos seus pequenos prazeres – estes podem até revelar-se de outras formas (não materiais): preciso obrigatoriamente de um dia por semana livre de chatices – por causa da minha criatividade – ou por causa da minha vida espiritual! Para as mulheres parece mais evidente que a família deva estar em primeiro lugar – correndo o risco de se anularem – mas isso é outro assunto...

Conseguir “caminhar” com menos dinheiro implica também que estejamos de acordo sobre como usá-lo. O que pressupõe uma **comunidade de valores**: o que quer dizer que vemos a vida mais ou menos da mesma forma, ou que damos valor às mesmas coisas; estamos de acordo sobre o essencial. O que vai nos permitir, sem haver conflito entre nós, decidir quanto dinheiro vai para as facturas, para a comida, para as roupas, para a educação, para as deslocações, para os lazeres e para a vida social, para o casal! – ou quanto irá para as necessidades de cada um, para as poupanças, para pôr de lado.

Mas esta comunidade de valores, não é um dado adquirido logo à partida!! Mesmo se nos amamos! Para todos aqueles que vivem como casal, lembrem-se com certeza de todos aqueles detalhes, pequenos ou grandes, aos quais não davam importância no início do relacionamento, mas para os quais o vosso parceiro vos chamou progressivamente a atenção – porque eram importantes para ele ou ela. É um trabalho moroso. o do recíproco ajuste, que nunca acaba, a que chamo simplesmente **respeito**: respeitar o outro, é ter em conta tudo o que é importante para o outro... mesmo se não o é para nós! Sem este tipo de respeito, sempre em construção, não há amor verdadeiro.

Então – para seguir o fio condutor desta comunicação que ainda é, e sempre o dinheiro! – é essencial que o casal atinja esta comunidade de valores, para gerir de forma saudável as questões financeiras. Depois disto, se houver acordo, já não importa saber quem se ocupará das contas: pode ser um ou outro, ou os dois em conjunto. Se estamos de acordo, posso perfeitamente deixar-te tratar das questões de dinheiro, porque sei que o farás de acordo com os princípios sobre os quais concordámos. E para as coisas em que é preciso escolher, nós discutimo-las.

Pronto, penso que vou parar por aqui – mas podem notar que, observando a evolução do casal do ponto de vista do dinheiro, tudo se resume a isto: será que, mesmo sendo diferentes, somos de facto iguais? Somos mesmo parceiros? Conseguimos manter qualidade no diálogo de maneira a que nenhum dos dois imponha a sua vontade ao outro? Falaremos sempre, até chegar a um acordo? Trata-se disso, e é tão difícil! Não quero com isto dizer que se deve discutir tudo no casal – seria esgotante! – mas deve-se falar de tudo o que possa ter consequências importantes para o outro – e compete a cada casal determinar o que é importante e o que não o é, o que merece ser discutido ou não.

Gostaria de acabar esta apresentação de uma forma que vos poderá surpreender, mas será um pedido para os jovens casais e um apelo à solidariedade das pessoas da minha geração, ou seja, na idade de serem avós.

Quando vejo os jovens casais actualmente, digo-me que no meu tempo, quando tinha a sua idade, as coisas eram mais simples e mais leves. O futuro estava em aberto; havia lugar para toda a gente. Não sentíamos a pressão, a competição e a angústia que prevalecem hoje. A maior parte não tinha famílias dispersas como agora, podíamos contar e apoiar-nos uns nos outros.

Para os jovens hoje em dia, a situação é bem diferente. Os gastos que os jovens pais devem suportar actualmente são impressionantes; e muitos deles, mesmo estando a trabalhar os dois, conseguem apenas sobreviver financeiramente: conseguem cobrir as suas despesas e necessidades essenciais, mas nada mais. Uma jovem mulher disse-me outro dia: “Não temos mais com que sonhar”. Ela queria dizer com isso que eles não se podiam oferecer estes pequenos prazeres: uma saída, um cinema, um bom jantar num restaurante, um passeio – estes pequenos prazeres que trazem cor e oxigénio ao quotidiano, estas pausas que permitem respirar, que trazem de novo vontade de viver.

Penso que temos um dever de solidariedade para com os nossos filhos. É por isso que digo aos da minha geração: dêem ar aos vossos filhos, eles que têm dificuldades em juntar as pontas! Dêem-lhes oxigénio para respirar! Ofereçam-lhes férias! Permitam-lhes alcançar este conforto mínimo para que consigam dar um rumo às suas vidas. Com, claro, toda a delicadeza que a situação requer, para que não seja vivido como uma humilhação: mas oferecer flores a alguém não deveria ser visto como intrusão, deveria só dar prazer...

E enfim, digo-vos ainda, porque nem sempre pensámos nisso: se têm algum dinheiro de lado, não esperem pela morte para o legar! Pois é com trinta anos que precisamos de dinheiro para construir a vida – e não com cinquenta ou sessenta.

Obrigado.